

# OS ALEMÃES DE PORTO ALEGRE

## GERMANS IN PORTO ALEGRE

Gunter Weimer<sup>1</sup>

### RESUMO

Desde a abertura dos portos em 1808, o Brasil passou a receber o afluxo de imigrantes, dentre os quais foram destacados os de origem centro-europeia, genericamente denominados de “alemães”. A partir da declaração da independência, esta imigração passou a ser fomentada oficialmente. Baseado em relatos de viajantes que deixaram escritos sobre Porto Alegre e, principalmente a partir de registros de paroquiano da Igreja Evangélica, este trabalho examina as relações, as características da sociedade teuta, desde seus primórdios até às vésperas da II Guerra Mundial. A convivência estreita e conflituada com a sociedade envolvente e o fato de se tratar de uma imigração urbana fez com que ela assumisse características diferentes da que se estabeleceu nas assim chamadas “colônias velhas”. Também são examinadas as condições que levaram a uma acentuada integração com a sociedade envolvente, a partir dos inícios do século XX.

**Palavras chave:** Imigração alemã. Teutos em Porto Alegre. Formação da sociedade porto-alegrense.

### ABSTRACT

*Since the opening of the ports to friendly nations in 1808, Brazil started to receive many immigrants. Among them those comes from central Europe were generally called Germans. Since the Brazil Independence, this immigration was officially promoted. Based on foreign travellers reports about Porto Alegre and mainly on Evangelical Church records, this paper analyses the German social relationships since the beginnings until the eve of World War II. The close and conflicted coexistence with the local society as well as the urban migration resulted in different patterns compared to those of the so-called “old colonies”. This paper discusses also the conditions of the integration among Germans and the local society from the beginnings of XX century.*

**Keywords:** German immigration. Germans in Porto Alegre. Porto Alegres society composition.

---

<sup>1</sup> Arquiteto pela Faculdade de Arquitetura da UFRGS, em 1963. Especialista em Desenho Industrial pela Hochschule für Gestaltung de Ulm/Alemanha, em 1967. Mestre em História da Cultura pela PUCRS, em 1981. Doutor em Arquitetura pela FAU-USP, em 1991. Professor aposentado da FAU-UFRGS, da UNISINOS e da FA-PUCRS, ex-docente colaborador do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano (PROPUR) da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Autor de cerca de 40 livros de autoria exclusiva e colaborador em aproximadamente de 80 livros.

## INTRODUÇÃO

Salvo raras exceções, a imigração de alemães é associada com São Leopoldo e sua expansão a partir dela. Ao fazer estas indicações, omite-se que, desde o começo, um contingente não pouco significativo se estabeleceu em Porto Alegre e nas principais vilas, ditas luso-brasileiras, no interior da Província. Segundo Klaus Becker<sup>2</sup>, em 1865, Rio Grande tinha uma população de 12 mil habitantes, dos quais 600 eram alemães; a população de Pelotas era de 17 mil moradores, dos quais 800 residiam na cidade e 1.500, na colônia de São Lourenço; Rio Pardo tinha 8 mil residentes, dos quais 10% eram constituídos por alemães. Em Cachoeira, dentre os 8 mil habitantes, 950 eram alemães. Em Santa Maria, a divisão teria sido de um total de 7 mil para mil teutos. Esta era, portanto, uma imigração urbana, ao contrário das demais, que eram, prioritariamente, rurais.

Os dados disponíveis indicam que até II Guerra Mundial os imigrantes e seus descendentes mantiveram certo distanciamento, variável ao longo do tempo, da sociedade envolvente. Isso resultou em intermitentes conflitos entre as duas facções. Em consequência, a integração dos teutos na sociedade local se constituiu num processo conflituado, que se estendeu por mais de um século, ou até de um século e meio, dependendo da profundidade com que a matéria venha a ser tratada. É intensão desta contribuição fazer uma análise da evolução.

## 1 MATERIAL E MÉTODOS

Os dados mais explorados sobre a presença alemã em Porto Alegre provêm dos registros de Johann Daniel Hillebrand<sup>3</sup> e Wilhelm Wolf<sup>4</sup>. Estes, no entanto, se referem especificamente a São Leopoldo, e os dados sobre Porto Alegre são eventuais. Fontes primárias também são constituídas por relatos de viajantes que, em bom número, passaram pela cidade, e suas observações foram criteriosamente coligidas por Valter Noal F<sup>o</sup> e Sérgio da Costa Franco.<sup>5</sup> As fontes secundárias têm se avolumado ao longo dos últimos tempos, mas se caracterizam, de forma genérica, de uma forma abrangente sobre toda a imigração e, quando tratam de aspectos específi-

---

2 BECKER, Klaus. *Alemães e descendentes do Rio Grande do Sul na Guerra do Paraguai*, Canoas: Hilgert, 1968, p. 8/9.

3 In: ROSA, Gilson Justino da. *Imigrantes Alemães, 1824-1853*. Porto Alegre: EST, 2005.

4 WOLF, Wilhelm. *Deutsche Einwanderer in São Leopoldo, 1824-1937*. Neustadt an der Aisch: Degener, 1964.

5 NOAL F<sup>o</sup>, Valter Antônio & FRANCO, Sérgio da Costa. *Os viajantes olham Porto Alegre*. Santa Maria: Annaterra, 2004 (em dois volumes; o primeiro abrange o período de 1754 a 1890 e o segundo, até 1941).

cos, primam pelo tratamento laudatório.

Interesses diversos nos levaram a fazer um levantamento dos registros dos paroquianos da comunidade da Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Porto Alegre. Pelo fato de que estes registros estavam escritos em letra cursiva gótica, de difícil leitura, foi solicitada a transcrição dos mesmos para a escrita latina. Esta foi a razão original pela qual estas transcrições foram levadas até o início de II Guerra Mundial, quando os registros passaram a ser redigidos na escrita latina.

Inicialmente, os dados foram submetidos a análises quantitativas, sob diversos vieses. Para o entendimento dos resultados, recorreu-se aos relatos citados, dentre os quais os registros de Wolf foram de maior utilidade, na medida em que os propósitos do presente estudo foram direcionados para uma análise comparativa entre a sociedade porto-alegrense e a das Colônias Velhas.

## 2 DISCUSSÃO

As informações disponíveis sobre a presença alemã em Porto Alegre nas primeiras três décadas apresentam versões contraditórias. Alguns louvavam a capacidade profissional dos alemães, pelo fato de que teriam sido mais bem remunerados que os concorrentes nacionais. Outros assinalaram que seu comportamento teria sido pouco amistoso em reuniões de bares, que, por vezes, teriam terminado em grossa pancadaria, o que se configurou numa inovação de hábitos, já que a sociedade luso-brasileira costumava acertar suas diferenças na ponta da faca. Já em 1826, Johann Löscher foi condenado a galés perpétuas por ter cometido latrocínio do taberneiro João Pereira, e em 1833 Frederico de Schlabrendorf, João Burk, Guilherme Scharnweber, Carlos Teodoro Goeze, Gotthold Sigismund, Augusto Seemann, Henrique Geisler, George Wegener, Joaquim Meisner e o casal João e Ana Maria Teide teriam passado algum tempo atrás das grades.<sup>6</sup> Isso, no entanto, não veria a comprometer a história familiar de seus descendentes, uma vez que os escrivães não eram peritos no registro de nomes em alemão. Para entender quem eram estas pessoas é necessária alguma perícia e certa dose de adivinhação, situação que não se coaduna com os métodos científicos. Felizmente.

O choque cultural que se estabeleceu entre os imigrantes e a sociedade já estabelecida, certamente, foi grande. Com uma população avaliada em torno de dez mil habitantes na época da declaração da independência, Porto Alegre era tida como a quarta cidade mais populosa do Brasil. Ao nos-

---

6 FRANCO, Sérgio da Costa. *A Velha Porto Alegre*. Porto Alegre: Edigal, 2015, p. 64.

sos olhos hodiernos, ela seria considerada uma pequena cidade imunda, posto que o lixo era descarregado nas vias públicas, à espera de que alguma tromba d'água o carregasse morro abaixo, e carresse ao Guaíba, razão pela qual as ruas eram traçadas em desnível, com uma sarjeta única central. Calçamento não existia, a não ser os “calços”, que protegiam as paredes externas das frentes dos prédios, que formavam um passadiço contínuo nos dois lados das ruas, ditos “calçadas”, nome que se perpetuou até hoje. Estas eram protegidas dos estragos produzidos pelo tráfego de carroças por colunas, ditas frades de pedra. Por estas ruas passava pouca gente. Arsène Isabelle assim se referiu a respeito delas:

O forasteiro sente-se só nessas ruas, porque não pode... sentir-se em sociedade no meio de negros embrutecidos que circulam misturados com bodes e cabras de que as ruas estão cheias. Ele se sente, portanto, só consigo mesmo, vendo em torno tantas barricadas. Mas, infelizmente, não é assim: no momento em que segue mais descuidado, uma imensa rótula se abre para deixar passar uma risada estúpida e fecha-se de novo, rapidamente, como se sofresse de uma doença contagiosa. E não adianta nem vociferar, porque o baço se manifesta facilmente nesse ditoso clima... O melhor a fazer é passar depressa e contentar-se em maldizer, secretamente, a barbárie dos portugueses, que, encerrando suas mulheres nessa espécie de haréns, as tornam tão ignorantes, tão ridículas, que a simples vista de um estrangeiro é para elas uma fantasmagoria, uma sombrinha chinesa!<sup>7</sup>

Deixando de lado o mau humor e os preconceitos do ilustre viajante, ele não se referiu ao fato de que, além do mau cheiro emanado dos depósitos do lixo e das poças d'água das ruas, elas serviam ao quase exclusivo trânsito de escravos, onde o senhorio branco era carregado em “cadeirinhas”, para não precisar pisar em terreno “minado”. Mais sombria ainda era a circulação dos escravos “cabungueiro”, que levavam tinas de tanoaria com os dejetos humanos, para serem despejados no Guaíba. O inço que vicejava nas ruas servia de pasto para cabras e porcos. As chuvas enchiam as ruas de lama e formavam verdadeiras cascatas nas ladeiras mais íngremes. Escavações recentes demonstraram que a famosa Rua da Praia tem por leito extensos depósitos de lixo na embocadura das transversais ascendentes.

A visão dessas ruas não deve ter assustado os imigrantes, porque elas não diferiam do que acontecia na Europa, onde, só nas cidades mais

7 ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul*. Brasília: Senado Federal, 2010, p. 238.

ricas e importantes, estava-se começando a fazer as primeiras experiências em termos de calçamentos das caixas viárias. Aquilo que deve ter causado espanto é o sistema de reclusão das mulheres e os costumes tidos como islâmicos (ou seriam africanos?), como o de sentar e dormir no chão, sobre tapetes ou esteiras, de comer com as mãos, de as mulheres só poderem sair à rua acompanhadas e devidamente cobertas. Porém, com certeza, o regime de escravidão deve ter sido o fato mais estranho. Segundo os dados levantados por Eleutério Camargo em 1814, a população de Porto Alegre era de 6.111 pessoas, das quais 51,06% eram formados por negros e negroides.<sup>8</sup> Pela diversidade das transações comerciais realizadas, fica evidenciado que a moda era a existência de, pelo menos, um escravo por economia. Diversos viajantes do século XVIII assinalaram que as condições econômicas da população pobre na Europa, por vezes, eram piores que a dos escravos no Brasil, mas o fato de possuírem, na Alemanha, a liberdade de ir e vir – ainda que, a custo de severas limitações de cidadania – consistia num diferencial altamente prezado. A emigração para o Brasil era um ato de liberdade para os europeus, enquanto, para os negros, um ato forçado e de submissão.

Se o sistema escravista, nos inícios, parecia ser repulsivo aos imigrantes, ao longo dos tempos, ele começou a ser aceito, e encontrou boa acolhida entre eles. Já há relatos de que, em meados do século, alemães haviam adquirido escravos, e de que, depois da Guerra do Paraguai, alguns comerciantes germânicos se tornaram atacadistas na venda de escravos para as fazendas de café do Rio de Janeiro, e, principalmente, de São Paulo, com destaque para Frederico Bier e Guilherme Schell.<sup>9</sup>

Da desmobilização das tropas mercenárias contratadas para atuar nas guerras platinas, depois da declaração da independência, resultou que

---

8 WEIMER, Günter. *O trabalho escravo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EdUFRGS e SAGRA, 1991, p. 12.

9 Idem, *ibidem*, *passim*. Muito se tem citado que a vinda de imigrantes europeus teria sido a razão do relativamente baixo índice de negros nos estados sulinos do país. Dada a anexação somente no segundo quartel do século XVIII ao território brasileiro, seria de esperar – o que realmente aconteceu – que o contingente populacional africano fosse menor que o das capitanias mais antigas. No entanto, os dados coligidos por Eleutério Camargo mostram que às vésperas da Proclamação da Independência a população riograndense dita branca estava em minoria (48,24%). Isso se configura como um efetivo favorecimento numérico da população branca em relação às demais capitanias. Com a vinda dos imigrantes, houve um leve aumento deste percentual a favor dos brancos, mas pouco significativo, dada a desproporção de imigrados em relação aos já residentes. A escassez de dados dificulta a realização de uma avaliação mais consistente, mas o tão desejado “branqueamento” da população brasileira nos inícios da República, decorreu menos da vinda de imigrantes europeus e muito mais das migrações internas do contingente negro por via de vendas comerciais para o sudeste do país. Por ironia, alguns “alemães” tiveram, por esta via, uma certa importância neste processo de “branqueamento” da população do estado.

uma parte dos militares se estabeleceu nas colônias “alemãs”, mas um contingente nada desprezível permaneceu em Porto Alegre<sup>10</sup>, ou se estabeleceu em vilas “lusas”. Entre estes, a maioria parte optou por casamentos mistos, que viriam a ser celebrados em templos católicos. Quando um dos cônjuges declarava ser protestante, o casamento só era realizado se houvesse uma expressa anuência de que os filhos do casal haveriam de ser educados no culto católico. Como, na época, não havia registro civil, os atestados de batismo cumpriam este papel. A existência de apenas uma igreja luterana em São Leopoldo fez com que muitas famílias protestantes também se submetessem a estas imposições, quando havia dificuldades em se deslocar até aquela vila. Pelo registro desses batizados, percebe-se que, desde logo, se processou uma clivagem entre os imigrantes, posto que aqueles que adquiriram um maior status social batizavam seus filhos na Matriz, enquanto os menos afortunados o faziam na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, tida como a dos pretos.

Segundo os cronistas dos primeiros tempos, os “alemães” de Porto Alegre teriam vindo de São Leopoldo, afirmação que não encontra respaldo nos levantamentos por nós realizados. Todavia, não restam dúvidas de que – apesar das dificuldades de locomoção devido à precariedade dos meios de comunicação – as relações entre as duas comunidades eram relativamente fluidas. Isso pode ser bem observado especialmente durante os três sítios que a Porto Alegre sofreu durante a Guerra dos Farrapos, quando o abastecimento da capital dependeu, em grande parte, dos suprimentos vindos de São Leopoldo<sup>11</sup>, por via fluvial, da mesma forma como os registros de porto-alegrenses nos livros paroquiais da comunidade luterana de São Leopoldo não eram incomuns. Através deles, pode-se avaliar a que atividades eles se dedicavam. Dentre os citados de antes da fundação da Comunidade Evangélica de Porto Alegre, em 1859, foram registrados 42 artesãos, 12 comerciantes, 4 profissionais liberais e um assalariado.

Os artesãos se dedicavam a atividades diversas, de modo que cobriam uma ampla gama de demandas. Alguns se dedicassem a atividades complementares, como a de fabricar determinados produtos, ao mesmo tempo em que se dedicavam à venda dos mesmo e de outros, congêneres. Os cronistas dos primeiros tempos relatam que estes imigrantes se distinguiram em seus ofícios. Diante disso, foi surpreendente encontrar um número tão expressivo de comerciantes. A explicação deste fato, certamente, foi decorrente da necessidade de estabelecer relações comerciais entre a

10 Em nossos levantamentos consta um número de 59 desses profissionais.

11 FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre sitiada*. Porto Alegre: SMC, Ed. da Cidade, Letras & Livros, 2011.

capital e São Leopoldo, durante o longo tempo em que Porto Alegre esteve sitiada, e pessoas que dominassem as duas línguas seriam as ideais para realizar estas transações.

Um velho costume alemão parece que aqui foi mantido: a casa é um lugar reservado para a família, e para o qual só pessoas muito próximas são admitidas. Em compensação, as pessoas mantêm uma vida social muito ativa em clubes dos mais variados gêneros e na convivência em bares, que, muito frequentemente, são divididos em vários ambientes reservados para um número restrito de pessoas. Em 1861, Johann Jakob von Tschudi já assinalava que:

Não é necessário mencionar que também aqui (em Porto Alegre) os alemães fundaram várias associações, como de assistência, corais e círculos de leitura, já estas associações surgem em qualquer lugar onde haja alemães no exterior.<sup>12</sup>

Lamentavelmente, este autor não cita a que associações estava se referindo, mas algumas puderam ser identificadas em outras fontes. Por se tratar de associações étnicas, criaram-se algumas desconfianças entre nativos e teutos. Diante da existência de fortes divergências de usos e costumes, parece natural que os imigrados tendessem a manter uma certa reserva nas relações sociais, que, certamente, não chegou a se constituir numa espécie de *apartheid*, uma vez que casamentos interétnicos vinham acontecendo com uma frequência cada vez maior, em todos os níveis econômicos.

Por razão de difícil entendimento, este equilíbrio foi seriamente destabilizado nos fins da década de 1850. Em 1861, von Tschudi assinalou que:

Os alemães não são especialmente bem-vistos nem em Porto Alegre, nem nos distritos da colônia, são até mesmo profundamente odiados por certo partido ultra nativista. Ele teme, na verdade, e também manifesta isso de vez em quando francamente, que pela aceitação do elemento alemão, sua nacionalidade seja posta em perigo, como se o sangue puro dos descendentes dos primeiros colonos desta província (portugueses das ilhas de Açores), que, por cruzamento com negros desde séculos, já está profundamente pervertido, fosse piorado pela mistura com a raça germânica! Nem mesmo os puros nativistas levam isso a sério, mas eles te-

12 In: NOAL Fº, Valter Antônio & FRANCO, Sérgio da Costa. *Os viajantes olham Porto Alegre, 1754-1890*. Santa Maria: Annaterra, 2004, p. 119.

mem uma preponderância moral e política dos alemães, que estes sem dúvida irão conquistar com o tempo pela inteligência, capacidade trabalhosa e capital. Eles gostariam de aproveitar as vantagens diretas e indiretas que a Província tira da imigração alemã, mas não de ter os colonos no país. Ódio a estrangeiros para eles é idêntico a patriotismo, por isso eles procuram paralisar de qualquer maneira cada vantagem que a colonização conquista ou poderia conquistar e tentam opor estorvos, através de medidas legislativas, ao forte desenvolvimento do elemento estranho.<sup>13</sup>

O autor não se referiu, especificamente, a uma verdadeira onda difamatória que o jornal *O Mercantil* movia contra os alemães. Seu redator e proprietário, José Cândido Gomes, movia críticas avassaladoras contra os alemães, e seu alvo preferido era o arquiteto Philipp von Normann, que estava por concluir a construção do Teatro São Pedro. Já foram analisados os argumentos de Gomes em outra publicação<sup>14</sup>, quando foi mostrado que os argumentos levantados careciam de legitimidade, em razão do que são de difícil entendimento os ataques de ódio que perpassavam seus editoriais.

Efetivamente, na Assembleia Legislativa passaram a ser pronunciados discursos condenatórios sobre a presença dos imigrantes; foi aprovada uma lei que proibia a aquisição de escravos por parte dos alemães; foram estabelecidas determinações que exigiam o imediato afastamento de técnicos estrangeiros contratados pelo governo provincial; os alemães foram proibidos de administrar as colônias de seus patrícios, e assim por diante.

Isso criou uma espécie de impasse entre a presidência da Província, que era designada pelo imperador, e os deputados que eram eleitos pela elite da sociedade riograndense. Sabendo que estes técnicos, tanto civis quanto militares, eram de grande competência, o presidente se fez de ouvidos moucos para cumprir tais determinações. Como as exigências se tornaram mais agudas, a contrariedade foi resolvida através da passagem desses técnicos para os serviços das diversas municipalidades. O arquiteto Philipp von Normann encontrou o fim de seus males no suicídio; Friedrich Heydtmann, autor do projeto da Casa de Correção, foi transferido para a municipalidade de Porto Alegre; Johann Martin Buff, autor do projeto do Colégio Militar de Rio Pardo, foi transferido para a intendência de Santa Maria. Quem mais resistiu às pressões foi o Capitão Maximilian von Emmerich,

13 NOAL Fº, Valter Antônio & FRANCO, Sérgio da Costa. *Os viajantes olham Porto Alegre, 1754-1890*. Santa Maria: Annaterra, 2004, p. 120.

14 WEIMER, Günter. Engenheiros alemães no Rio Grande do Sul, na década de 1848-1858. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre: PUCRS, v. 5, n. 2, p. 172 e seg., 1979

que fora condecorado com a medalha dos Hohenzollern pelo rei da Prússia, que estava engajado na construção de diversas obras em Porto Alegre e no interior, além de ser lente da Escola Militar, foi transferido para o Rio de Janeiro, onde desempenhou relevante papel na preparação das tropas para a Guerra do Paraguai, e, por méritos em sua participação na mesma, foi condecorado com a ordem do Cruzeiro do Sul. Com outros contratados de menor escalão, também aconteceu o mesmo, e, em fins de 1859, já não havia mais qualquer alemão assalariado pelo governo provincial.

Quais teriam sido as causas de tanto ressentimento contra os alemães? Até agora não encontramos uma explicação razoável. Supomos que a proibição da compra de escravos teria algo a ver com a resolução da marinha inglesa de mover guerra de pirataria contra os navios negreiros, a partir de 1858, em decorrência do desrespeito à exigência de término do comércio transatlântico de cativos, estabelecido sob ameaça do bombardeio do Rio de Janeiro, em 1850, e ficar patente que o tráfico continuou a pleno vapor, sob a óbvia omissão das autoridades constituídas. Para os bem-pensantes teutos, a lei da proibição de aquisição tem sido saudada como “prova” de que seus patrícios não eram possuidores de escravos, mas se esquecem que transações de compra e venda são reguladas pelas leis do mercado, e não por disposições jurídicas. Este dispositivo legal nasceu como letra morta.

Quão complicada era a convivência entre os alemães e a sociedade envolvente pode ser avaliado na primeira grande empreitada que a municipalidade de Porto Alegre passou a realizar, a partir de 1858, no assim chamado “nivelamento” das vias públicas. Tratava-se, em verdade, de corrigir os alinhamentos e as irregularidades das ruas, regradar os desníveis para o correto escoamento das águas, e, principalmente, pavimentar as caixas das ruas principais. Este foi um empreendimento complexo, que exigiu participação das forças de trabalho disponíveis. Entre os livres, constavam nacionais e imigrantes, e estavam divididos entre mestres, oficiais, serventes e feitores; os escravos se diferenciavam em oficiais e serventes; os indígenas eram classificados entre homens e mulheres; os soldados eram todos serventes, da mesma forma que os presos civis. Para entender a hierarquia dos trabalhadores, foi levantado o salário das diversas categorias: os mestres recebiam 4 mil-réis por dia. Os salários diários dos demais comportavam, em média, os seguintes valores: entre os livres, oficiais, 2,5 mil-réis, os feitores, 1.400 reis, os serventes, um mil-réis; entre os escravos, os oficiais recebiam 1.700 reis, e os serventes um mil-réis; entre os índios, os homens 480 reis, e as mulheres 400 reis; os serventes soldados 200 reis, e os presos políticos 160 reis. O entendimento deste quadro de relações desafia as teo-

rias sociológicas conhecidas. Fernando Henrique Cardoso<sup>15</sup> havia tentado estabelecer os parâmetros entre o trabalho livre e escravo, mas não analisou a participação de virtuais trabalhos forçados como o dos soldados e dos presos. Na medida em que serventes livres, entre os quais se contavam imigrantes, recebiam uma remuneração igual à dos escravos, não deve ter passado sem atritos e/ou ressentimentos. Do mesmo modo que não deve ter passado em brancas nuvens o fato de que indígenas recebessem mais do dobro dos salários dos soldados e dos presos. Num canteiro de obras em que se conjugavam trabalho livre com o de escravos e de trabalhos forçados, é fácil entender que daí também surgissem sérias fricções sociais.

Apesar dos reclamos dos representantes da elite provincial, o governo central continuou a promover a imigração de alemães. Avalia-se que entre 1848 e 1874 tenham chegado cerca de 16 mil novos imigrantes, que foram sendo estabelecidos em novas colônias ao longo dos rios Caí, Taquari, Pardo e Pardinho, Sinos e Jacuí, além de diversas colônias entre Pelotas e Porto Alegre, com destaque para as de São Lourenço e Boqueirão. A partir de então, as atenções governamentais estavam mais voltadas para a imigrações de italianos, mas, nem por isso, deixaram de imigrar alemães, cujo número tem sido avaliado em cerca de 6 mil, entre 1875 e 1899.

Este fluxo também influenciou a sociedade teuta de Porto Alegre, que passou a se organizar internamente. Em 1857, o professor Carlos Jansen publicou seu *Almanack de Porto Alegre*, no qual encontramos um meticoloso levantamento do corpo administrativo governamental, eclesiástico, militar, hospitalar, escolar e judiciário. Sob o ponto de vista da presença alemã, neste capítulo, são diminutas as referências a teutos. Por isso, o levantamento mais importante é a segunda parte, concernente aos alemães por ser dedicada ao exercício profissional. Como este levantamento abrangeu todos os cidadãos, independente de origem, é possível perceber a forma de organização social. O centro administrativo estava situado no entorno da Praça da Matriz e na Rua da Igreja (atual Duque de Caxias), onde ficavam os domicílios da elite; o centro comercial era constituído pela Rua da Praia; a encosta setentrional do promontório era ocupada pelos remediados, e os pobres estavam, majoritariamente, domiciliados nas encostas do lado sul; a periferia norte da cidade, ao longo do Caminho Novo (o início da atual Rua Voluntários da Pátria) apresentava uma ocupação mista de pobres e remediados. Era aí que estava domiciliada a maioria dos alemães. Isso correspondia às necessidades funcionais, posto que era em suas margens que ficavam os trapiches, onde atracavam os lanchões que interme-

15 CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

diavam as mercadorias com São Leopoldo e o resto do interior. Foi aí que se estabeleceu o comércio atacadista. Era também nesta periferia que seriam construídas a escola alemã, a igreja evangélica, e, mais tarde, a Sociedade de Ginástica e a igreja dos alemães católicos. Os teutos mais bem aquinhoados dividiam os altos do promontório, com a elite envolvente, do mesmo modo como os comerciantes varejistas se estabeleceram, com os nacionais, na Rua da Praia, que terminava na Praça da Alfândega.

Em junho de 1855, foi fundada a Sociedade Germânia, que reunia a elite dos teutos. Em 1858, foi fundada a Sociedade Alemã de Amparo Mútuo (*Gemeinnütziger Verein*), com a finalidade de defesa de interesses comuns, de amparo aos imigrantes pobres e da promoção cultural de seus integrantes. Ao que tudo indica, sua fundação estava claramente ligada aos problemas das animosidades criadas e, em seu meio, foram gestadas muitas iniciativas de promoção e defesa dos teutos, como a criação da Escola Alemã (*Hilfsvereinschule*), em 1858, de caráter comunitário<sup>16</sup>, depois denominada de Hindenburgschule e, por pressão da onda nacionalista da década de 1930, de Colégio Farrroupilha. Já nesta época, entrou em pauta a constituição de uma Sociedade Hospitalar, cujas intensões eram construir um hospital, mas, provisoriamente, constituiu um fundo para financiar o tratamento de enfermos. Só nas vésperas da I Guerra Mundial foi iniciada a construção do Hospital Alemão, hoje, Moinhos de Vento. Estas seriam apenas as primeiras iniciativas de organização social, às quais se seguiram muitas outras. O padre Amstad, em seu livro do centenário da imigração, reuniu o nome de 42 associações teutas que foram criadas até 1924, somente em Porto Alegre, ou seja, em sete décadas. Nas colônias alemãs, foram 286 as levantadas pelo autor.

Foi nesse ambiente que foram tomadas as iniciativas para a criação de uma Comunidade Evangélica de Porto Alegre, cuja fundação oficial ocorreu em 1859. Foi em seus arquivos que encontramos os dados mais relevantes sobre a sociedade alemã e onde computamos o nome de cerca de 12 mil pessoas que foram registradas, até 1939.

A criação de uma segunda paróquia luterana na Província fez com que a de Porto Alegre também assumisse os serviços eclesiásticos da região sul da província, bem como a do Alto Taquari e do Jacuí, divisão provavelmente estabelecida por conveniências de transporte, que se dava por via fluvial. Como uma parte dos registros eram feitos por pastores leigos, havia uma irregularidade na feitura dos mesmos e, muitas vezes, era difícil ou impossível distinguir os paroquianos de Porto Alegre dos do interior.

---

16 Antes dessa, já existiam escolas particulares, de ensino domiciliar.

Isso, no entanto, não impediu que pudessem ser percebidas as peculiaridades dos porto-alegrenses. Nesses registros, era relativamente pequena a quantidade daqueles que tinham indicação expressa do lugar de nascimento, sendo, portanto, discutível sua origem alemã, conceito que, por sinal, também era muito controvertido: para os imigrantes, “alemão” era todo aquele que falava um dos numerosos dialetos centro-europeus, ao passo que, para os brasileiros, era todo aquele que tinha nascido num dos estados alemães que só viriam a se unificar depois da Guerra Franco-Prussiana. Para complicar a situação ainda mais, ao longo do tempo, os traçados das fronteiras mudaram bastante: a Alsácia e a Lorena deveriam ser enquadradas em território alemão ou francês? A Prússia Oriental deve ser considerada como integrante do Estado Alemão ou Polônês? Os Sudetos e os boêmios, falantes do alemão e habitantes do noroeste da República Tcheca, deveriam ser considerados alemães ou tchecos? Onde enquadrar os austríacos e os suíços setentrionais?

Uma das características que mais chama atenção foi o fato de que havia um significativo número de paroquianos que eram falantes do alemão, mas não de nacionalidade alemã. Para complicar a situação ainda mais, aqui todos os acatólicos – independente dos países de nascimento – passaram a participar dos serviços da paróquia luterana e, por isso, acabavam por ser enquadrados na categoria dos “alemães”. Por outro lado, alguns imigrantes eram qualificados como tais, mas sem a indicação de que região eram provenientes.

Nos registros de Wilhelm Wolf, referentes a São Leopoldo, foi verificada a existência de paroquianos originários de outros países. Isso se constituiu numa dificuldade inesperada quando se procurou analisar origem dos declaradamente alemães em oposição aos não alemães. Isso também deve ter sido um dilema para o pastor Wolf. Desde logo, foi procurado examinar qual teria sido a origem dos porto-alegrenses em comparação aos estabelecidos nas “Colônias Velhas”, em São Leopoldo e além. Por esta via, foi montada a seguinte tabela:

**Tabela 1: Comparação da origem dos imigrantes alemães segundo estado de nascimento**

| Imigrantes de São Leopoldo |              |                   | Imigrantes de Porto Alegre |      |
|----------------------------|--------------|-------------------|----------------------------|------|
| %                          | Nº absolutos | Estados           | Nº absolutos               | %    |
| 0,92                       | 24           | Baden Württemberg | 106                        | 6,21 |
| 0,34                       | 9            | Baviera           | 50                         | 2,93 |
| 1,79                       | 47           | Brandenburgo      | 96                         | 5,62 |

|        |      |                    |      |        |
|--------|------|--------------------|------|--------|
| 5,65   | 148  | Baixa Saxônia      | 174  | 10.19  |
| 8,85   | 232  | Hessen Darmstadt   | 146  | 8,55   |
| 2,34   | 61   | Mecklenburgo       | 46   | 2.69   |
| 1,07   | 28   | Renânia            | 70   | 4,10   |
| 63,36  | 1663 | Renânia-Palatinado | 357  | 20.92  |
| 1,56   | 41   | Sachsen Anhalt     | 40   | 2,34   |
| 1,10   | 29   | Saxônia            | 161  | 9,43   |
| 8,66   | 227  | Schleswig Holstein | 269  | 15,77  |
| 1,99   | 52   | Turíngia           | 44   | 2,58   |
| 2,25   | 59   | Westfalia          | 114  | 6,68   |
| 0,11   | 3    | Desconhecido       | 34   | 1.99   |
| 100,00 | 2623 | Totais             | 1707 | 100.00 |

Fonte: Registros da Comunidade Evangélica de Porto Alegre.

Estes dados revelam que o perfil dos porto-alegrenses era muito diferente dos de São Leopoldo: os originários da Renânia-Palatinado tinham um índice três vezes menor que os de São Leopoldo, e inversamente, os originários do sul da Alemanha (Badênia e Baviera) tinham um índice entre sete e oito vezes maior que os leopoldenses. Também chama atenção o fato de que o contingente de saxões foi significativamente maior entre os porto-alegrenses. Os dados referentes ao Schleswig-Holstein provavelmente não correspondem à verdade, porque um número considerável se dizia originário da cidade de Hamburg que deve ter sido o local de embarque, e não de nascimento.

Na comparação com a população de São Leopoldo, também fica evidenciado que os chamados teutos de Porto Alegre eram bem mais heterogêneos quanto à nacionalidade de origem.

**Tabela 2: origens doa imigrantes segundo a nacionalidade**  
**Imigrantes de S. Leopoldo**                      **Imigrantes de Porto Alegre**

| %      | Nº absolutos |                                   | Nº absolutos | %      |
|--------|--------------|-----------------------------------|--------------|--------|
| 91.24  | 2 623        | Declaradamente “alemães”          | 1 547        | 72,.33 |
| 8,75   | 252          | Declaradamente não “alemães”      | 558          | 26,08  |
| 0.01   | 3            | Local de nascimento não conhecido | 34           | 1,59   |
| 100.00 | 2 878        | TOTAIS                            | 2 139        | 100,00 |

Fonte: Registros da Comunidade Evangélica de Porto Alegre.

Estes dados mostram que o contingente de imigrantes de Porto Alegre era significativamente mais heterogêneo que o de São Leopoldo. Quando à distribuição por país ou continente, os resultados foram os seguintes:

**Tabela 3: Origens de imigrantes fora da Alemanha**

| Imigrantes de São Leopoldo |                           | Imigrantes de Porto Alegre |
|----------------------------|---------------------------|----------------------------|
| 1                          | <b>ÁFRICA</b>             | 4                          |
|                            |                           |                            |
|                            | <b>AMÉRICA</b>            |                            |
| 1                          | Argentina                 | 14                         |
| 1                          | Bolívia                   | 0                          |
| 1                          | Canadá                    | 1                          |
| 0                          | Chile                     | 4                          |
| 0                          | Estados Unidos            | 4                          |
| 1                          | Guatemala                 | 0                          |
| 0                          | Paraguai                  | 1                          |
| 1                          | Uruguai                   | 2                          |
| 0                          | Venezuela                 | 1                          |
| 5                          | <b>Subtotal</b>           | 27                         |
|                            |                           |                            |
|                            | <b>EUROPA</b>             |                            |
| 12                         | Áustria                   | 35                         |
| 1                          | Bélgica                   | 2                          |
| 2                          | Dinamarca                 | 21                         |
| 0                          | Escócia                   | 3                          |
| 0                          | Espanha                   | 1                          |
| 0                          | Estônia                   | 1                          |
| 6                          | França (Alsácia e Lorena) | 18                         |
| 18                         | Holanda                   | 22                         |
| 0                          | Hungria                   | 5                          |
| 11                         | Inglaterra                | 16                         |
| 1                          | Irlanda                   | 1                          |
| 1                          | Itália                    | 5                          |
| 1                          | Letônia                   | 4                          |
| 1                          | Noruega                   | 3                          |
| 0                          | Lituânia                  | 4                          |

|      |                                                |       |
|------|------------------------------------------------|-------|
| 1    | Luxemburgo                                     | 3     |
| 151  | Polônia                                        | 256   |
| 0    | Portugal                                       | 6     |
| 0    | Romênia                                        | 6     |
| 6    | Rep. Tcheca                                    | 26    |
| 2    | Rússia                                         | 46    |
| 4    | Suécia                                         | 11    |
| 28   | Suíça                                          | 32    |
| 246  | <b>Subtotal</b>                                | 527   |
|      |                                                |       |
| 252  | <b>Total imigrantes não alemães</b>            | 558   |
| 2878 | <b>Total de imigrantes de origem conhecida</b> | 2139  |
| 8,75 | <b>Percentuais</b>                             | 26.08 |

Fonte: Registros da Comunidade Evangélica de Porto Alegre.

Isso significa que o contingente de imigrantes da Comunidade Evangélica que eram de origem fora da Alemanha era, redondamente, três vezes superior aos dos imigrantes de São Leopoldo. Também chama atenção o fato de que os não alemães eram bem mais diversificados que os de São Leopoldo: os de São Leopoldo vieram de 22 países, enquanto os de Porto Alegre eram originários de 31 nações.

Embora seja sabido que a população na Alemanha apresente uma distribuição bem mais homogênea no tocante à divisão rural e urbana, e, ao mesmo tempo, que as condições de vida nas cidades se assemelhassem bastante às zonas rurais e, ainda mais, que as cidades alemãs tivessem um tamanho significativamente menor que as brasileiras, procurou-se fazer um levantamento quanto à origem dos imigrantes em referência às principais cidades alemãs. Os resultados estão expressos na seguinte tabela:

**Tabela 4: Imigrantes alemães de origem urbana.**

| <b>Imigrantes de S. Leopoldo</b> | <b>Cidade</b>    | <b>Imigrantes de Porto Alegre</b> |
|----------------------------------|------------------|-----------------------------------|
| 5                                | Kiel             | 5                                 |
| 17                               | Lübeck           | 12                                |
| 93                               | Hamburg – Altona | 91                                |
| 6                                | Rostok           | 2                                 |

|      |                                      |       |
|------|--------------------------------------|-------|
| 3    | Schwerin                             | 5     |
| 6    | Bremen                               | 12    |
| 3    | Emden                                | 3     |
| 3    | Oldenburg                            | 6     |
| 2    | Osnabrück                            | 2     |
| 18   | Hannover                             | 14    |
| 7    | Braunschweig                         | 9     |
| 12   | Berlin                               | 48    |
| 4    | Magdeburg                            | 5     |
| 0    | Dresden                              | 16    |
| 1    | Dessau                               | 2     |
| 0    | Essen                                | 2     |
| 2    | Düsseldorf                           | 1     |
| 0    | Köln                                 | 4     |
| 4    | Koblenz                              | 2     |
| 0    | Mainz                                | 4     |
| 1    | Mannheim                             | 3     |
| 2    | Kassel                               | 3     |
| 3    | Darmstadt                            | 9     |
| 2    | Weisbaden                            | 4     |
| 4    | Frankfurt/Main                       | 6     |
| 5    | Erfurt                               | 3     |
| 2    | Leipzig                              | 16    |
| 4    | Dresden                              | 16    |
| 2    | Chemnitz                             | 10    |
| 1    | Karlsruhe                            | 3     |
| 0    | Stuttgart                            | 18    |
| 0    | Nürnberg                             | 2     |
| 0    | Augsburg                             | 3     |
| 3    | München                              | 7     |
| 215  | <b>Total de imigrantes urbanos</b>   | 348   |
| 2623 | <b>Total de imigrantes avaliados</b> | 1547  |
| 8,20 | <b>Percentual</b>                    | 22,50 |

Fonte: Registros da Comunidade Evangélica de Porto Alegre.

Também aqui ficou expresso que os imigrantes de origem urbana apresentaram uma preferência bem maior por se estabelecer em Porto Alegre, como era de esperar. Acontece que o processo de industrialização na Alemanha foi muito desigual a exemplo daquilo que aconteceu na região média do Rio Reno: na região do Ruhr foram encontradas minas de carvão de pedra, fato que serviu de forte estímulo para a construção de um complexo sistema fabril, e, em consequência, de um aperfeiçoamento das atividades fabris, ao contrário daquilo que aconteceu na Renânia-Palatinado, que não se industrializou por falta deste insumo, e ainda teve suas reservas florestais confiscadas. Noutros termos, a industrialização ocorreu de forma muito desigual naquele país. Seria, portanto, importante verificar se estas diferenças regionais também se refletiram em Porto Alegre, ao modo do que aconteceu em São Leopoldo. Para tanto, foram selecionados os imigrantes que apresentavam, concomitantemente, indicação profissional, origem regional e local de proveniência urbana ou rural. Os resultados foram resumidos na tabela seguinte:

**Tabela 5: Número de profissionais por estado e cidade de nascimento**

| Estado             | Número de imigrantes profissionais | Imigrantes urbanos | %     |
|--------------------|------------------------------------|--------------------|-------|
| Baden-Württemberg  | 98                                 | 59                 | 60,20 |
| Baviera            | 36                                 | 24                 | 66,66 |
| Brandemburgo       | 85                                 | 35                 | 41,18 |
| Hessen-Darmstadt   | 114                                | 59                 | 51,75 |
| Mecklenburgo       | 35                                 | 24                 | 68,57 |
| Baixa Saxônia      | 114                                | 56                 | 49,12 |
| Renânia            | 62                                 | 33                 | 53,22 |
| Renânia-Palatinado | 329                                | 144                | 34,65 |
| Saxônia            | 168                                | 93                 | 55,35 |
| Sachsen-Anhalt     | 38                                 | 24                 | 63,16 |
| Schleswig-Holstein | 212                                | 48                 | 22,64 |
| Turingia           | 48                                 | 33                 | 68,75 |
| Westfalia          | 123                                | 42                 | 34,15 |
| Total              | 1462                               | 674                | 46,10 |

Fonte: Registros da Comunidade Evangélica de Porto Alegre.

Ressalta, nesses dados, que o índice de menor qualificação profissional corresponde ao estado de Schleswig-Holstein, onde está situada a cidade de Hamburg. Isso constitui um forte indicativo de que a declaração de origem não corresponde ao local de nascimento, mas de embarque: o baixo índice de qualificação profissional deve ser decorrente de sua origem rural.

Do mesmo modo como aconteceu em São Leopoldo, a região que mais forneceu imigrantes foi a Renânia Palatinado, mas foi baixo o índice dos profissionais urbanos, do mesmo modo como o de westfalianas. É sabido que os estados que forneceram o menor número de imigrantes foram os do Sul (Baden-Wurtemberg e Baviera), no entanto, foram estes os que forneceram o maior porcentual de profissionais qualificados, juntamente com a Turíngia e Sachsen-Anhalt. Mais surpreendente ainda foi a contribuição dada pelo estado de Mecklemburgo, pelo alto índice de profissionais, em contraste com o baixo índice dos provenientes do estado vizinho, de Schleswig-Holstein.

Como a industrialização da Alemanha começou pelo lado ocidental, de onde veio o maior contingente de imigrantes para as colônias velhas, seria de esperar que também de lá viesse o maior número de profissionais. Isso realmente aconteceu, mas foi a região que apresentou o menor índice de originários de cidades. Inversamente, os estados do sul, de onde veio o menor número de imigrantes, se destacaram pelo alto número de profissionais urbanos. Finalmente, ao contrário das colônias velhas, que receberam, disparadamente, o maior número dos estados ocidentais da Alemanha, os profissionais mais qualificados provieram, de forma muito equilibrada, de todos os estados alemães.

O passo seguinte foi avaliar a que tipo de atividades eles se dedicaram. Já foi assinalado que, de início, a atividade principal era o exercício de atividades manuais. Para efeitos de análise, as atividades foram divididas em quatro categorias, respectivamente, em artesanato, no qual foi enquadrado todo o tipo de atividade artesanal, o comercial, e dos profissionais liberais e dos assalariados. Os resultados foram resumidos no seguinte quadro:

**Tabela 6: Qualificação dos imigrantes por período temporário.**

| <b>Profissionais</b> | <b>Artesãos</b> | <b>Comerciantes</b> | <b>Prof. liberais</b> | <b>Assalariados</b> |
|----------------------|-----------------|---------------------|-----------------------|---------------------|
| 1824-1850            | 71,18 %         | 20,34 %             | 6,78 %                | 1,70 %              |
| 1851-1875            | 67,01 %         | 19,07 %             | 6,70 %                | 7,22 %              |
| 1876-1900            | 58,03 %         | 21,28 %             | 7,87 %                | 12,82 %             |
| 1900-1939            | 23,40 %         | 41,85 %             | 29,79 %               | 4,96 %              |

Fonte: Registros da Comunidade Evangélica de Porto Alegre.

Como se pode observar, a evolução, no século XIX, foi bastante linear. O percentual de pessoas dedicadas ao comércio e a atividades liberais se manteve virtualmente constante, mas o decréscimo das atividades artesanais autônomas correspondeu ao crescimento das atividades assalariadas. Noutros termos, houve uma proletarização das atividades manuais.

Este perfil mudou profundamente no século XX. Salta à vista que as atividades manuais, tanto do artesanato como assalariadas, tiveram uma diminuição muito significativa, a favor das atividades comerciais e liberais. Isso contraria a lógica, posto que uma sociedade não pode subsistir com tão pouca produção de bens. A explicação encontrada foi a de que houve uma considerável transformação ideológica: os trabalhos manuais passaram a ser menos valorizados que os dos outros dois setores. Em consequência, eles foram muito menos registrados, ou subnotificados. Isso fica mais bem expresso na análise dos batizados, como se verá mais adiante.

A atividade comercial se diversificou de forma significativa. Ao lado das atividades tradicionais, como de trocas em balcão, surgiram as transações bancárias, e passaram a ser citadas como comerciais atividades que hoje qualificaríamos de empresariais, ou seja, nas quais a produção de bens está combinada com uma sofisticada atividade de venda e compra.

O exponencial crescimento das atividades liberais decorreu da crescente complexidade das relações sociais e, com certeza, a criação do ensino superior foi um vetor decisivo nesta transformação. As pessoas mais bem aquinhoadas, inclusive, mandavam seus filhos realizar sua formação em universidades estrangeiras, sob a alegação de que as locais teriam alguma deficiência. Este, certamente, era um juízo não totalmente destituído de fundamentações, por se tratar de criações recentes, mas obstrui o fato de que a criação destes cursos foi levado muito a sério, posto serem contratados professores altamente qualificados, nos mais diversos centros de ensino e pesquisa, de terem sido feitos investimentos avultados na criação de laboratórios e de terem sido enviados os alunos mais capacitados para um aperfeiçoamento em instituições de reconhecida capacidade, os quais eram contratados para reger cátedras de suas respectivas especialidade, a partir de seu retorno. Este é apenas um dos aspectos do significativo incremento às atividades intelectuais que foram sustentadas por um vigoroso desenvolvimento da agricultura, que serviu de fonte de acumulação de capitais, que passaram a ser investidos num acelerado comércio internacional, e quando estas transações sofreram limitação, em decorrência de confrontos bélicos internacionais, serviram para financiar a instalações de estabelecimentos fabris, que, livres de concorrência externa, tiveram amplas condições de atender às necessidades de um mercado já estabelecido.

Antes de medir as consequências desta evolução, parece ser necessário fazer algumas observações sobre a vida cotidiana desta sociedade. Sempre se tem insistido que uma das grandes contribuições que o elemento germânico teria trazido ao Brasil teria sido a liberalidade das relações familiares: na medida em que o trabalho na agricultura era exercido igualmente pelo casal, as mulheres teriam gozado de um status semelhante ao dos homens, e teriam contribuído para uma organização mais democrática das relações sociais. Hörmeyer chegou a afirmar que:

Ao desembarcar (em Porto Alegre), vemos que nos achamos numa cidade importante, que está crescendo rapidamente... Eu já havia notado em outras cidades meridionais, grande número de alemães e Porto Alegre pareceu-me inteiramente alemã... Vi poucos escravos. Os brasileiros geralmente ficam em casa e abandonam a cidade aos alemães.<sup>17</sup>

Estas observações certamente eram pertinentes se comparado à sociedade nacional, mas seria um equívoco imaginar que a estrutura familiar alemã não tivesse características eminentemente machistas. Tanto isto é verdade que, nos assentamentos de mais de doze mil paroquianos, foram encontrados apenas os registros de quatro atividades exercidas por mulheres: duas professoras, uma modista e uma lavadeira. Para a sociedade nacional, pode ser que a ocupação das ruas por mulheres alemãs parecia estravagante, ou um excesso de liberdade, nem por isso, a vida das mesmas passava por severos cerceamentos. Nos primeiros tempos, por exemplo, o batismo dos bebês dependia da iniciativa dos homens, e os padrinhos eram todos homens. Por isso mesmo, foi muito estranho o fato de que em alguns batizados de filhos de mães solteiras os padrinhos eram todos do sexo feminino. A explicação para tão estranho fato parece ter sido encontrado numa passagem do relato de von Tschudi:

Um alemão, chamado J. (Julius) H. (Heinrich) Knorr, concebeu alguns anos atrás, o estranho plano de importar grande quantidade de empregados alemães para a província do Rio Grande do Sul e, em três navios, importou mais de cem indivíduos (o grupo feminino, em sua maior parte foi recrutada em bordéis de cidades marítimas alemãs). Sua chegada em Porto Alegre não causou pouca sensação e conta-se que frequentemente até mesmo um dignitário muito elevado, envolto densamente em casacão, o chapéu bem apertado acima dos olhos, patrulhava à noite para cima e para abaixo

17 HÖRMEYER, Joseph. *O que Jorge conta sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1966, p. 166/7.

em frete à casa de recepção, até que Ida, Berta ou como mais estas Frineias se chamavam, deslizassem para o esperado *rendez-vous*. Obviamente, nenhuma família honesta quiz recrutar suas empregadas entre as senhoritas com chapéus e roupas de seda; por isso o destino delas foi aquele que cada pessoa razoável teria previsto; em Porto Alegre, a maioria manteve sua antiga profissão e, a toda a parte aonde iam, decaíam ainda mais. Muitas delas arruinaram-se miseravelmente. Um padre T. levou duas para sua casa, provavelmente não para convertê-las a uma vida melhor, pagou suas dívidas<sup>18</sup>, mas pouco tempo depois ambas fugiram de novo. Muitas outras agiam de maneira semelhante; de toda a leva, apenas muito poucas devem ter conseguido uma vida regular. Acontecimentos desse tipo realmente não contribuíram para que o nome alemão seja mais respeitado.<sup>19</sup>

A respeito de Knorr, foi possível constatar que se tratava de um mercenário que atuou em Pernambuco e na Cisplatina, no posto de alferes. Durante a Guerra dos Farrapos, atuou no lado imperial, com reconhecimento de méritos. Em 1852, comandou o Batalhão dos *Brummer*, na guerra contra Oribe e Rosas. Por indicação do vice-presidente Patrício José Correia da Câmara, teria sido encarregado de voltar à Alemanha para recrutar mil colonos para o Rio Grande do Sul, que deve ter sido o contingente referido por Tschudi. Em 1861, se tornou redator do jornal alemão (*Deutsche Zeitung*), do qual foi um dos cofundadores. Durante o recrutamento de “voluntários” para a Guerra do Paraguai, foi encarregado do alistamento, juntamente como dr. Hillebrand. Provavelmente por razões de saúde, foi desligado do exército antes do embarque para o teatro da guerra, voltando para Porto Alegre, onde veio a falecer em 24 de agosto de 1865. Em seu sepultamento, recebeu honras militares, que lhe eram devidas pela condição de coronel do exército nacional. Como se percebe, estes dados mostram uma face diferente da apresentada por Tschudi. Isso significa que a questão da importação de prostitutas ainda está por ser melhor esclarecida, porque não seria de esperar que uma pessoa de tão grande prestígio se envolvesse em atividades tão pouco recomendáveis. É bem provável que estes imigrantes, que deveriam ser colonos, e, na realidade, acabaram por se estabelecer em Porto Alegre, tenham contribuído para a avaliação depreciativa anteriormente referida.

Voltando aos batismos, percebe-se que, depois de uma fase curta de

18 Provavelmente, despesas da viagem transatlântica.

19 NOAL Fº, Valter Antônio & FRANCO, Sérgio da Costa. *Os viajantes olham Porto Alegre, 1754-1890*. Santa Maria: Annaterra, 2004, p. 120.

uma cerimônia restrita à participação masculina, passou a ser constante o convite a um casal e mais uma pessoa solteira, homem ou mulher, para padrinhos. Ao contrário daquilo que acontecia nas colônias, onde o batismo se constituía numa cerimônia de fortalecimento das relações sociais, razão pela qual eram escolhidos três ou quatro casais para apadrinhar um bebê, em Porto Alegre o número de padrinhos era bem mais restrito. Porém, pôde ser observado que também aqui os batismos serviam para o fortalecimento de solidariedade entre famílias, porém, seu número era bem mais restrito. Era comum que houvesse uma reciprocidade na escolha do compadrio, na medida em que os filhos de uma família tinham por padrinho o casal da outra, e vice versa. Como o número dos filhos era relativamente grande para os parâmetros atuais, formava-se uma pequena comunidade de compadres, que foi se estreitando ao longo do tempo, entre os pobres, mas evoluiu no sentido contrário entre a elite.

Nos primeiros tempos, a escolha dos padrinhos recaía em pessoas da mesma denominação religiosa, mas depois da virada do século, este procedimento se tornou bem mais flexível, para o desgosto dos pastores, que faziam anotações a este respeito, quando se tratava de padrinhos católico. Isso se constitui numa evidência de que os interesse do capital começaram a se tornar mais importantes que as crenças religiosas.

Era costume bastante difundido que o afilhado recebesse o nome do padrinho ou da madrinha, quando não recebia o da mãe ou do pai. O repertório de nomes era muito limitado. Talvez fosse esta a razão pela qual a maioria das crianças recebiam três nomes ou mais. Há um caso de dois irmãos onde, cada qual, recebeu nada menos que oito nomes. Entre os westfalianos de Teutônia, esta prática foi levada a extremos: entre 35 meninas escolhidas aleatoriamente, o nome Wilhelmine aparece 15 vezes, e Frederika 13 vezes; entre 48 meninos, também selecionados ao acaso, o nome Heinrich aparece 23 vezes, Friedrich 18 vezes e Wilhelm 16 vezes. Este costume estava relacionado com a crença paleogermânica de que os nomes tinham o poder de determinar o destino de seus portadores.

Essa prática causou muitas dificuldades na organização das famílias, uma vez que, no registro dos pais, muitas vezes, só aparece um dos seus nomes de batismo, que variava muito quando era adotado um nome em português, situação na qual, então, era escolhido aquele que mais se prestava para a tradução. Também foi verificado que esta diversidade, por vezes, era usada para fins não muito lícitos.

Quanto mais se avançava no tempo, o repertório dos nomes foi aumentando, e no fim do período passaram também a ser utilizados nomes de outras línguas, fato que, possivelmente, tinha a ver com a divulgação de

espetáculos cinematográficos. Independente disso, verificou-se que a incidência de determinados nomes acompanhou ondas de modas: num curto período, um determinado nome se tornou majoritário, para desaparecer pouco depois. Também foi verificado que a partir da virada do século, os nomes femininos passaram a ser registrados amiúde na forma de diminutivos afetivos: o da Maria tomava a forma de Mariechen, a de Anna, como Änchen, etc. Entre os homens, a tendência era de abreviar os nomes: desde os primeiros tempos, a forma de Johannes aparecia poucas vezes, para dar lugar a Johann. No fim do período, este nome foi ainda mais abreviado para Hans, da mesma forma como Friedrich passou a ser Fritz, por exemplo.

Uma das formas mais comuns de comunicação em massa eram os almanaques, que seguiam diversas tendências ideológicas. Os de orientação católica sempre apresentavam fotografias de famílias muito grandes, acompanhadas de comentários elogiosos. Isso parecia indicar que a formação de famílias muito numerosas era comum. Essa expectativa, no entanto, não se confirmou. Pelo menos, entre os luteranos, famílias com uma dezena de filhos eram muito raras. O mais comum eram as famílias com três a cinco filhos, deixando à parte os registros de casais que aparecem com um filho apenas. Tudo leva a supor que estas eram famílias do interior que, ou apresentavam dificuldade de vir a Porto Alegre, ou, mais provavelmente, eram batizadas no interior, onde foram sendo criadas novas paróquias desmembradas da de Porto Alegre, razão pela qual nascimentos subsequentes eram registrados em outras paróquias. O estudo a este respeito não foi realizado. Aquilo que, no entanto, pôde ser verificado, e cujas motivações não foram encontradas, foi o fato de que nos registros de batismo de famílias do interior não constam os nomes dos padrinhos. Também era comum que crianças recebessem os nomes de irmãos falecidos.

Aqui chegou-se a um dos problemas mais sérios com os quais esta sociedade teve de se confrontar: a morte de recém nascidos, os natimortos e da morte de parturientes. Havia o costume de batizar a criança sobrevivente sobre o túmulo da mãe falecida.

Estas perdas eram muito frequentes, se comparados às atuais e, certamente, eram decorrentes dos conhecimentos e/ou cuidados restritos com a higiene. Essas mortes tinham consequências muito sérias, pois se partia do princípio de que os homens eram incapazes de cuidar de seus filhos pequenos, ou, de não terem tempo para tanto, já que tinham, por obrigação, tratar do sustento da família. Disso decorria a necessidade que os viúvos tinham de conseguir, no menor tempo possível, um novo casamento, que acontecia, seguidamente, em menos de um ano após o falecimento da esposa. Não é, pois, de surpreender que a noiva fosse, frequentemente,

uma parente da falecida.

A verdade era a de que se morria muito facilmente, e muito cedo. As causas mais comuns das mortes eram as doenças infectocontagiosas, que se sucediam em ondas avassaladoras, em tempos intermitentes. O maior flagelo era a tuberculose. A variedade dessas doenças era grande, e seriam necessários conhecimentos médicos especializados para qualificá-las. Elas atingiam jovens e idosos, sem distinção de sexo. Isso levou a que houvesse um número surpreendentemente grande de casamentos de viúvos. Aqui também é relevante o fato de que, nestes registros, estava bem especificado o(s) nome(s) do(s) ex-marido(s) da noiva, fato que dificilmente acontecia com os noivos. Descobria-se que estes eram viúvos nos registros de batismo dos filhos, quando, numa época, a mãe tinha um nome e outro, em período diferente. Foi encontrado um caso extremo em que uma senhora teve quatro sobrenomes diferente no curto período de dez anos: um era o de solteira e os outros foram adquiridos em três casamento sucessivos!

Morria-se muito cedo. Aos cinquenta anos, as pessoas passavam a ser consideradas idosas. Como as estatísticas demonstram, as mulheres têm uma expectativa de vida maior que a dos homens. O que ressalta nesses levantamentos, no entanto, é que essa defasagem era ainda maior que na atualidade. De qualquer modo, quando, excepcionalmente, uma pessoa chegava a falecer depois dos noventa anos, isso era registrado com destaque.

Fato que também merece destaque é o grande número de suicídios de pessoas adultas. Esta foi a segunda maior causa das mortes registradas. A causa provável destes acontecimentos foram as tensões decorrentes de adaptações ao novo meio social. Como se tratava de uma sociedade acen-tuadamente machista e homofóbica, possivelmente, estas mortes tenham sido decorrentes de preconceitos e discriminações.

Os registros de casamentos são os mais ricos e completos. Aí aparecem, além da data do consórcio, os nomes dos noivos, as datas e locais de seus nascimentos, os nomes dos respectivos pais, a profissão do noivo e, eventualmente, de seus pais (homens), e, ainda, dos padrinhos. Por vezes, ainda havia o registro do local em que o casal morava. Sobre a escolha dos padrinhos, não foi constatada a existência de uma regra única. Podiam ser um ou dois casais, quando, algumas vezes, não era registrado o nome da mulher (fulano de tal e esposa), e, muito frequentemente, havia padrinhos solteiros.<sup>20</sup>

---

20 Nas colônias velhas, havia o costume de convidar casais de namorados para apadrinhar o casamento, fato que simbolizava um agouro propício para que o casamento dos mesmos também viesse a se realizar em plenitude de felicidade. Possivelmente, estas crenças também

Num levantamento aleatório de cem casamentos, foi tentado identificar a idade dos noivos, na data do consórcio. Como se estava interessado na idade do primeiro casamento, não foram computados casamentos em que constava algum viúvo. A idade média dos noivos foi de 29 anos e 6 meses, com extremos situados entre 20 e 41 anos, e das noivas, de 22 anos e 7 meses, com extremos entre 13 anos e 38 anos. Como havia uma certa resistência em registrar a viuvez dos homens, é provável que os dados tenham sido contaminados pela inclusão de algum(s) viúvo(s), situação que explicaria a significativa diferença de idade entre os respectivos noivos.

Emílio Willems<sup>21</sup>, em seus estudos sobre a imigração alemã, assinalou que era comum, entre o campesinato alemão, a realização de casamentos “de prova”, que eram sacramentados a partir da constatação da gravidez da noiva, e que eram desfeitos se a gravidez não acontecesse. Segundo aquele autor, o casamento virginal das noivas teria sido uma imposição da burguesia. Como não havia dados a este respeito no Brasil, resolveu-se levantar dados a este respeito, para saber do enquadramento dos casais neste lado do Atlântico. Os resultados foram os seguintes: o tempo entre o casamento e o nascimento do primeiro filho era inferior a nove meses em 10% dos casos, de aproximadamente nove meses, em 8%, de mais de nove meses e menos de um ano, em 26%, e de mais de um ano, em 56%. De onde se pode concluir que a sociedade teuta porto-alegrense estava, em largos passos, a caminho de seu aburguesamento.

Quando realizamos os estudos sobre a participação dos arquitetos alemães em Porto Alegre, em meados do século XIX, e foi verificada a esdrúxula formação da mão de obra na regularização viária de Porto Alegre, começamos a suspeitar que algo estranho estava acontecendo na formação da sociedade.

Diversos estudos haviam constatado a primordial participação dos teutos no processo e no papel preponderante assumido em sua afirmação. Em nossos estudos sobre a industrialização na Alemanha, verificamos uma unanimidade entre os autores de que as primeiras empresas haviam se formado da conjugação de interesses de três setores sociais diferentes: um era constituído pela baixa nobreza que disponha de algum prestígio político; o segundo formado pela burguesia que havia enriquecido por vias do comércio, e o terceiro era a de artesãos mais criativos, que monopolizavam

---

fossem alimentadas nos consórcios de Porto Alegre.

21 WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Nacional, 1940; e *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1946.

os conhecimentos da produção de bens. Em suas fundações, a maioria das empresas alemãs teriam se formado a partir da associação de um representante de cada um desses setores. Constava que, entre os latinos, essas empresas teriam tido uma formação preferencialmente familiar, e associações familiares teriam sido impulsionadas por via de casamentos arranjados, baseados em interesses capitalistas. Daí ter surgido a dúvida sobre qual teria sido o procedimento adotado pela elite teuta.

A formação da sociedade brasileira tinha características especiais, neste aspecto. Por um lado, a nobreza brasileira, por ser de nomeação e não de tradição, ter sido recrutada em função da distribuição geográfica, de modo a cobrir todo o território nacional por uma rede de lealdades à Casa Imperial e por ter sido recrutada entre personalidades de caráter, quase sempre, de postura muito conservadora, apoiada numa tradição escravocrata de uma sociedade patriarcal, não se prestava ao papel de agente social inovador. Dentro desta mesma tradição, o trabalho manual era tido como “inferior”, razão pela qual era relegado aos cativos. Ora, uma sociedade formada por um nobre e um escravo seria uma associação impensável. Essa concepção ideológica também deveria ter sido um empecilho para uma associação entre a nobreza e os artesãos. Aquilo que parecia incontestável era a relevância do papel desempenhado pela elite comercial no processo da constituição das empresas fabris.

Os levantamentos dos registros da comunidade luterana em boa parte vieram a confirmar essas suposições. É claro que a nobreza nacional não estava filiada a uma denominação religiosa, que era somente tolerada. Embora os imigrantes nobres tivessem sido muito ciosos em conservar os indicativos de suas linhagens em seus sobrenomes, era flagrante a decadência de sua importância social. Alguns até chegaram a desempenhar funções muito simples, como jardineiros ou atendentes. A migração dos artesãos para a condição de assalariados também veio a confirmar a suposição de sua proletarização.

Os comerciantes, por sua vez, passaram a assumir, progressivamente, iniciativas sociais relevantes. Tschudi, em 1861, assinalou que “o importante comércio atacadista está principalmente na mão de linhagens alemãs altamente admiráveis”,<sup>22</sup> Um ano mais tarde, Friedrich Gerstäcker comentou que (em Porto Alegre) “mais do que em qualquer lugar, encontrei os alemães ativos... e nenhum lugar seria tão apropriado para oferecer-lhes um vasto campo para sua atividade”.<sup>23</sup> Reinhold Hensel atestou que “a

22 NOAL Fº, Valter Antônio & FRANCO, Sérgio da Costa. *Os viajantes olham Porto Alegre, 1754-1890*. Santa Maria: Annaterra, 2004, p. 119.

23 Idem, *ibidem*, p. 124.

maioria das casas comerciais pertencem a alemães, e estes, em sua maioria, também são os empregados”.<sup>24</sup> Semelhantes comentários são constantes em relatos dos viajantes no fim do século XIX. Dentre eles, foi selecionado um de Victor W. Esche, quando registrou que:

...a indústria ainda dá seus primeiros passos, e como ela não é capaz de concorrer e nem de longe atende a demanda regional, não possui condições de exportar. Como instalações industriais, podem ser citadas: fábricas de tijolos, serrarias, moinhos a vapor, curtumes, fábricas de móveis, fábricas de sabonete, destilarias, duas fábricas de máquinas e uma fundição de ferro.<sup>25</sup>

Esta foi a primeira observação sobre instalações industriais que, a partir de então, passaram a ser objeto de constantes considerações. Na última década do século XIX, houve um arrefecimento no desenvolvimento econômico, decorrente da instabilidade política gerada pela proclamação da república, mas a partir do novo século, o processo pôde ser retomado. Quando as potências europeias começaram a se armar para a I Guerra Mundial, os preços internacionais de produtos alimentícios não perecíveis passaram a ser cotados em preços muito vantajosos. Com a reorientação da economia da pecuária para a agricultura, o Estado passou a grande exportador de cereais, fato que propiciou uma significativa acumulação de capitais. Criação de uma dinâmica atividade bancária disponibilizou capitais, que puderam ser investidos na industrialização. As condições do desenvolvimento industrial se tornaram propícias, quando foi interrompido o transporte transatlântico, em decorrência dos inícios dos conflitos bélicos, e os produtores nacionais deixaram de concorrer com os importados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo os levantamentos realizados por Dietrich von Delhaes-Günther<sup>26</sup>, os empreendimentos industriais foram se constituindo de uma forma difusa, em diversas cidades do Estado. Esses empreendedores, em sua maioria, eram de segundo ou terceira geração nascida no Brasil. Seus nomes não eram contados entre os comerciantes mais bem aquinhoados. Sua formação teria começado nas oficinas de seus pais, e continuado em aprendizado em estabelecimentos congêneres, em vários casos, como pra-

---

24 Idem, *ibidem*, p. 146.

25 Idem, *ibidem*, p. 231.

26 DELHAES-Günter, Dietrich von. *Industrialisierung in Südbrasilien*. Köln: Böhlau, 1973, p. 155 e seg.

ticantes em estabelecimentos comerciais, de onde teriam evoluído para caixeiros viajantes. Isso significa que estavam muito atentos às necessidades do mercado consumidor. Depois deste aprendizado, um bom número teria ido à Alemanha para se submeter a um aprendizado em escolas especializadas, além de estágios em empreendimentos industriais. Por vezes, estas práticas eram realizadas na Inglaterra ou nos Estados Unidos. Isso significa que voltavam com uma compreensão razoável do processo de produção. É compreensível que esta formação não era suficiente para dominar os processos técnicos específicos dos diversos tipos de produção. Para suprir estas necessidades, contratavam técnicos no exterior.

Na medida em que se fortalecia o mercado consumidor, foram percebidas as conveniências da concentração dos empreendimentos. Por isso, devagar, eles foram sendo transferidos para Porto Alegre, onde havia melhor disposição de técnicos, que estavam se formando no Instituto Parobé da Escola de Engenharia. Como a demanda era maior que a oferta, os próprios alemães tomaram a iniciativa de criar um curso específico numa Escola de Ofícios (*Gewerbeschule*).

Este processo de transformação social trouxe consigo uma clivagem ainda mais profunda dentro da sociedade teuta. A Sociedade Germânia, que começara de forma modesta, foi se transformando num clube de elite, onde as taxas de participação eram tais que só os mais ricos tinham condições de pagar. Ela passou a servir de convivência social, mas também de acertos de negócios, entre estes empresários. À boca pequena, se dizia que os encontros sociais também serviam para a convivência dos jovens para fomentar casamentos entre os filhos dos associados, com a finalidade de juntar capitais, e evitar sua dispersão. Os levantamentos dos arquivos da Comunidade vieram a confirmar estes boatos. Efetivamente, as relações sociais eram fortalecidas não só pelos casamentos, mas também por relações de compadrio. Em pouco tempo, se formou uma complexa rede relações familiares, que tendia a se configurar como um estamento.

Se era esta a tendência, um acontecimento inesperado colocou este projeto – se é que ele realmente existiu – a perder. A deflagração da II Guerra Mundial e os excessos do nacionalismo implantado pela ditadura getulista foram fatais para o etnocentrismo subliminar fomentado por este tipo de associações.

A estrutura industrial fomentou o surgimento de uma classe média submissa aos comandos imperiosos dos assim chamados “capitães de indústria”, que decidiam sobre os rumos das vidas dos operários, e os submetiam a condições de trabalho muito precários. Ela também sofreu as consequências de uma política nacionalista que acabou com uma das

características mais peculiares de sua cultura, que era a convivência em clubes sociais. Somente os que eram formados pela classe média alta, por possuírem maiores condições de barganha, conseguiram sobreviver.

Entre a camada mais humilde da população, a proletarização era flagrante. Os registros religiosos mostram que a organização em pequenos grupos familiares pôde ser mantida a duras penas, mas iniciativas como a proibição da comunicação em alemão, a proibição da celebração dos cultos religiosos em língua alemã, o severo controle sobre o ensino que foi obrigado a ser ministrado em português, por professores brasileiros natos, e vigilância policial de toda a forma de convivência entre os teutos transformou completamente a existência desse setor da sociedade.

Com o fim da guerra, só muito devagar foram se amainando as contrariedades, cujo fim definitivo pode ser estabelecido na celebração do biênio da colonização e imigração por ocasião do sesquicentenário da imigração alemã e centenário da imigração italiana.

## REFERÊNCIAS

- BECKER, Klaus. *Alemães e descendentes do Rio Grande do Sul na Guerra do Paraguai*. Canoas: Hilgert, 1968.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- DELHAES-Günter, Dietrich von. *Industrialisierung in Südbrasilien*. Köln: Böhlau, 1973.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *A Velha Porto Alegre*. Porto Alegre: Edigal, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Porto Alegre sitiada*. Porto Alegre: SMC/Ed. da Cidade/Letras & Livros, 2011.
- HÖRMEYER, Joseph. *O que Jorge conta sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1966.
- ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul*. Brasília: Senado Federal, 2010.
- NOAL Fº, Valter Antônio & FRANCO, Sérgio da Costa. *Os viajantes olham Porto Alegre*. Santa Maria: Annaterra, 2004, 2 vols.
- ROSA, Gilson Justino da. *Imigrantes Alemães, 1824-1853*. Porto Alegre: EST, 2005.
- WEIMER, Günter. Engenheiros alemães no Rio Grande do Sul, na década de 1848-1858. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS, v. 5, n. 2, p. 151-206, 1979,

\_\_\_\_\_. *O trabalho escravo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFGRS/SAGRA, 1991.

WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1940.

\_\_\_\_\_. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1946.

WOLF, Wilhelm. *Deutsche Einwanderer in São Leopoldo, 1824-1937*. Neustadt an der Aisch: Degener, 1964.

Recebido em 27/09/2021

Aprovado em 08/12/2021